

A aquisição dos imperativos em Português e a fase dos infinitivos opcionais

Fernanda Gonçalves

Universidade de Évora; CEL (UÉ e UTAD) ~ Onset-CEL (FLUL) (col.)

1. A fase dos infinitivos opcionais

A fase dos infinitivos opcionais ou raiz (*root infinitives*) começou a ser explorada a partir de Wexler (1994). Consiste na ocorrência de formas verbais de infinitivo em contextos em que a referida forma deveria apresentar flexão, em coocorrência temporal com formas canónicas; daí a designação de infinitivos “opcionais”. Estes caracterizam-se por ocorrer unicamente em orações matriz e surgem em perguntas (contra Rizzi, 1993/1994); são típicos de línguas *non pro-drop*, não ocorrendo de forma visível, pelo menos, em línguas de sujeito nulo, nomeadamente nas românicas.

Os exemplos inequívocos são os que apresentam sujeito explícito:¹

- (1) Marie go (Sarah, 2;3);
- (2) Mumma ride horsie (Sarah, 2;6).
- (3) Pas la poupée dormir (Nathalie, 1;9).

Para o Português, especificamente, não existe evidência empírica para se defender a existência de tal fase, nem em PE, nem em PB, tendo estritamente em conta a produção das formas verbais iniciais, finitas e infinitivas, avaliadas quantitativa e qualitativamente (veja-se Gonçalves, 2002 e 2004; cap. 9).

1.1 Explicações teóricas

De forma resumida, constata-se que as propostas teóricas têm consistido em afirmar que esta fase está correlacionada com a presença *versus* ausência de nós funcionais, como TP em Wexler (1998), ou os nós abaixo de TP, numa estrutura “truncada”, como em Rizzi (1993/1994). Alternativamente, tem sido defendido que tal fase se deve à subespecificação de traços, como em Hoekstra e Hyams (1998), texto em que se assume que as categorias estão universalmente presentes desde o início do processo (observável) de aquisição.

¹ Exemplos citados em Guasti (2002), onde se indicam as fontes originais. Veja-se ainda nessa referência a síntese sobre os dados e propostas teóricas surgidas a respeito na literatura.

A assunção comum (por vezes implícita) tem sido a de que a fase dos infinitivos opcionais ocorre em todas as línguas, tomando diferentes formas. Propostas mais recentes têm-se concentrado na explicação para o contraste entre as línguas em que esta fase é observável (como em Francês, Inglês, Neerlandês, Flamengo e Alemão), e aquelas em que não o é (como em Italiano ou Português).

Tem, a este respeito, sido explorada a possibilidade de a fase dos infinitivos opcionais estar correlacionada com uma estruturação do conhecimento semântico e discursivo específica e distinta do dos adultos, como na hipótese que se apresenta abaixo.

1.1.1. A Hipótese de Oposição Semântica

A Hipótese da Oposição Semântica é formulada em Deen e Hyams (2002:132) e contempla as seguintes assunções:

- Modo *irrealis* (vs. *realis*) é uma oposição primitiva na gramática infantil.
- Significado Modal/*irrealis* deriva de um MoodP activo.
- MoodP é licenciado por traços morfossintácticos apropriados.

“Activo” significa, na segunda assunção, “marcado”, de acordo com Cinque (1999), que defende que as cabeças têm valores marcados e não marcados (ou *default*). Os traços marcados (que correspondem a projecções activas) têm de ser verificados e contribuem para a interpretação da frase. Mood tem o valor marcado *irrealis*; perfectivo é o valor marcado de AspP (embora este pareça sujeito a variação interlinguística).

Assume-se ainda (*op.cit.*: 139) que a subespecificação de T é tornada possível pela especificação de Modo ou Aspecto: “[-tense] is licensed by Mood (or Aspect)”.

Pretende-se assim dar conta das seguintes propriedades da fase dos infinitivos opcionais e análogos (Salustri e Hyams, 2003:692):

- Os infinitivos opcionais são formas verbais sem marcação de tempo em contextos matriz.
- Os infinitivos opcionais têm tipicamente um significado modal ou *irrealis* expressando volição, intenção ou direcção com respeito a alguma eventualidade (o Efeito de Referência Modal; MRE).
- Os infinitivos opcionais são tipicamente eventivos (a Restrição de Eventividade; EC).
- Assume-se que a EC é derivada do MRE.

Apesar de se assumir normalmente que a utilização “modal” dos infinitivos corresponde à fase mais inicial na aquisição das formas verbais finitas, dados sobre o Neerlandês demonstram que esse não é necessariamente o caso: em Blom e Wijnen (2000) descreve-se uma evolução desde a produção indistinta de infinitivos até adquirir de facto o valor preferencial como expressão modal, assumindo-se (*op. cit.*, 2000:129) a seguinte definição operacional de modalidade: “An utterance is modal if it refers to an event or state that is not yet realized, whereas nonmodal utterances refer to ongoing or completed events/sates”.

Observação interlinguística leva a propor em Salustri e Hyams (2003) que em Grego o equivalente aos infinitivos opcionais é um perfectivo sem marcações flexionais

e que nas línguas românicas correspondem às formas de imperativo, já que assumem que também estas formas têm as propriedades acima descritas. Formulam assim a hipótese que se explora abaixo.

1.1.2 Hipótese da Analogia do Imperativo

A Hipótese de Analogia do Imperativo é proposta em Salustri e Hyams (2003:695) e consiste em defender o seguinte:

– Nas línguas de sujeito nulo os imperativos ocorrerão mais frequentemente na linguagem infantil que na adulta.

– Na linguagem infantil os imperativos ocorrerão mais frequentemente nas línguas de sujeito nulo que nas línguas de infinitivos opcionais.

A estrutura assumida é a seguinte (*op.cit.*:700):

(4) [[ForceP][MoodP][TP/Agr][AspP][VP]]

Relativamente à derivação, assume-se o seguinte:

– Em línguas *non pro-drop*, Mood é verificado contra um traço *irrealis* no verbo infinitivo; para isso, as projecções intermédias em I têm de ser subespecificadas (ou seja, eliminadas). Infinitivos opcionais como expressão de Mood *irrealis* é a solução mais económica, logo, deve ser a preferida.

– Em línguas *pro-drop* (p.e., o Italiano), tal não é possível porque os infinitivos têm traços de Agr que têm de ser verificados (cf. Belletti 1990); a verificação dá-se entre Force e VP.

Assume-se que o imperativo tem um traço *irrealis*; não tem traços temporais (de tempo ou aspecto) e é subespecificado em termos de concordância, nos dados infantis. Outros tempos podem apresentar propriedades comuns noutras línguas; em Grego, por exemplo, equivale-lhe o perfectivo nu (*bare perfective*), como referido acima.

Defende-se assim que o imperativo seja um análogo, na fase relevante, dos infinitivos opcionais. Deverá pois colocar-se a questão: serão as propriedades do imperativo apontadas universais?

De facto, não o são: em Rus e Chandra (2006) apresentam-se dados da aquisição do Esloveno (entre 1;3 e 2;0), língua em que aquela forma é flexionada, que evidenciam que, como no estado adulto, emergem as marcas de [pessoa] e [número] em núcleos de orações finitas, em contextos raiz e encaixados, na fase relevante.

(5) Boneka jej!

Doce-ACC come-2SGIMP

“come o doce” (Tomaz, 1;10)

Mesmo não se podendo assumir que o imperativo seja universalmente um análogo dos infinitivos opcionais, em Português as suas propriedades levam a que seja pertinente avaliar até que ponto se comporta de acordo com as predições a que a Hipótese da Analogia do Imperativo conduz.

É relevante notar que, por coincidência formal no paradigma do estágio final, a forma que ocorre nos primeiros dados infantis é comum à *default* (3ª pessoa do singular): “olha tu”; “ele olha”. As formas de plural, com marcação distinta (“eles olham”), surgem mais tarde (como as formas de plural no geral – cf. Gonçalves, 2004), bem como as formas de imperativo negativo, correspondentes ao paradigma do conjuntivo: “não olhes; não olhem” (cf. ponto 3. abaixo).

1.1.2.1 Dados relevantes

São apresentados dados do Italiano em Salustri e Hyams (2003).

Relativamente aos adultos, os dados de referência são os seguintes:

Contexto discursivo	Imperativos		Nº total de verbos
	Tokens	%	
Dirigido a adultos	36	5.6	950
Dirigido a crianças	82	14.9	550

Tabela 1: Dados do Italiano (estádio final) em Salustri e Hyams (2003)

Quanto aos dados da aquisição (2;0 a 2;7), são apresentados os seguintes valores:

Criança	Idade	% RI (média)	% Imp. (média)	Total de verbos
Denis	2;0-2;7	2,8	31,1	318
Martina	2;1-2;7	0	17,5	513
Diana	2;0-2;7	0	16,4	863
Viola	2;1-2;7	0,2	30	198

Tabela 2: Dados do Italiano (aquisição) em Salustri e Hyams (2003)

Em síntese, sobre os dados da aquisição aponta-se no texto citado o seguinte:

– Aos dois anos, os valores de imperativos produzidos pelas crianças italianas atingem picos muito elevados (quase 50% para Viola); aos 2;7 têm valores próximos do valor de referência dos adultos: entre 5% e 18%.

– No mesmo período, as crianças alemãs usam muito menos imperativos, com valores à volta dos 10%.

Conclui-se pois que em Italiano o imperativo é um análogo dos infinitivos opcionais.

2. Predições

Tais dados levam a formular as seguintes predições para o Português:

– Se existir uma fase análoga à dos infinitivos opcionais, deverão registar-se valores mais altos de imperativos nos dados da aquisição do que nos dados de referência dos adultos.

– Os dados das crianças deverão apresentar curva decrescente na produção de imperativos, em termos relativos.

– Se o PB não se comportar, neste aspecto, como uma língua de sujeito nulo, os valores de produção de infinitivos no processo de aquisição deverão ser mais baixos do que em PE e a curva deverá ser estável.

3. Apresentação e análise dos dados

3.1 Caracterização do *corpus*

Globalmente, foram considerados os dados de quatro crianças a adquirir o PE (LUI, RAP, JOA e PED), dados esses do **Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**, e de três crianças a adquirir o PB (PAU, RAB e TIA), dados do **Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem-Unicamp** (RAB e TIA), e da **Base de dados CHILDES** (PAU), com idades compreendidas entre 1;08.21 e 3;01.15.² No total, as sessões consideradas incluem 25198 enunciados das crianças, com 15323 formas verbais, com a seguinte distribuição:

Crianças	Nº total de linhas dos ficheiros	Nº de enunciados das crianças	Nº de formas verbais
LUI	25639	6366	3723
RAP	18201	4908	2769
JOA	9829	2680	1790
PED	6854	2210	1932
PAU	22054	5348	2537
RAB	9285	2425	2065
TIA	5096	1261	507
Totais globais	96958	25198	15323

Tabela 3: O *corpus* tratado

Remete-se para Gonçalves (2004: cap. 5), bem como para Freitas (1997), Mendes (1991), Gebara (1984) e Scliar-Cabral (1977) para todos os detalhes metodológicos relativos à recolha, transcrição, codificação e análise dos dados incluídos no *corpus* tratado.

Recorreu-se ao sistema CHILDES (cf. MacWhinney (2000)).

Do *corpus* acima descrito, foi seleccionada uma amostra com a dimensão que abaixo se descreve para dar conta da evolução na produção dos imperativos. Incluíram-se quatro ficheiros por criança de três crianças, duas portuguesas (JOA e LUI) e uma brasileira (RAB). Os dados de síntese que se apresentam abaixo dizem respeito à

² Ficam os agradecimentos devidos aos responsáveis das referidas instituições, respectivamente Prof^a Doutora Isabel Hub Faria e Prof^a Doutora Charlotte Galves.

globalidade do *corpus*, tal como acima descrito. Em Gonçalves (2004: cap. 9) descreve-se a evolução para a totalidade das sessões das sete crianças.

Na determinação da amostra, para além das limitações de espaço, teve-se em conta os dados de Salustri e Hyams (2003) acima referidos, já que o objectivo consistia em comparar os resultados. Pelo mesmo motivo, recorreu-se a metodologia e processos de análise igualmente semelhantes.

De acordo com a metodologia genericamente adoptada, excluíram-se, não sendo contabilizadas, todas as repetições próximas da criança ou de um adulto e todas as ocorrências duvidosas, nomeadamente por não ser possível concluir se se tratava efectivamente de uma forma de imperativo. A análise do contexto discursivo foi obviamente decisiva para a classificação das formas de imperativo como tal, no momento da codificação, como se pode verificar no exemplo abaixo.

- (6) JOA01 (2;00.02); linha 249
 *PAI: oh@i João!
 *JOA: o pato # cola.
 *ANT: não tenho cola # não (es)tá cá cola .

3.2 Dados quantitativos

Nas tabelas seguintes apresenta-se na primeira coluna o número total de formas verbais, na segunda o número de ocorrências de imperativos e na terceira a percentagem dos valores dos imperativos no total de formas verbais.

Apresentam-se antes de mais os dados de referência de um adulto português, ANT, no discurso dirigido à criança; os quatro ficheiros mencionados correspondem aos que se consideraram igualmente para a criança JOA.

Ficheiros	Nº total de verbos	Imperativos	IMP/Verbos
JOA01	118	14	11,86%
JOA03	190	39	20,53%
JOA05	268	52	19,40%
JOA07	223	27	12,11%
Total/média	842	132	15,68%

Tabela 4: Dados do PE adulto: ANT

Verifica-se que os dados de referência de ANT, em discurso dirigido à criança, apresentam percentagens entre os 11,86% e os 20,53%, com uma média de 15,68%, valor muito próximo do apresentado em Salustri e Hyams (2003) para os adultos italianos em igual contexto discursivo: 14,9% (cf. a Tabela 1 reproduzida acima).

Quanto aos dados da produção das crianças, relativamente a JOA, os quatro ficheiros seleccionados apresentam a seguinte evolução:

Idade (ficheiro)	Nº total de verbos	Imperativos	IMP/Verbos
2;00.2 (JOA01)	27	7	25,9%
2;02.9 (JOA03)	101	22	21,8%
2;04.7 (JOA05)	225	52	23,1%
2;06.1 (JOA07)	510	119	23,3%
Total/média	863	200	23,2%

Tabela 5: Dados da aquisição do PE: JOA

Relativamente a LUI, dá-se igualmente conta da evolução registada nas quatro sessões aqui consideradas:

Idade (ficheiro)	Nº total de verbos	Imperativos	IMP/Verbos
2;00.27 (LUI03)	244	19	7,8%
2;02.0 (LUI04)	271	23	8,5%
2;04.4 (LUI06)	305	43	14,1%
2;06.26 (LUI09)	446	63	14,1%
Total/média	1266	148	11,7%

Tabela 6: Dados da aquisição do PE: LUI

Os valores globais das quatro crianças portuguesas, no conjunto global das sessões tratadas, foram os seguintes:

Crianças	Nº total de verbos	Imperativos	IMP/Verbos
LUI	244	386	10,4%
RAP	2769	372	13,4%
JOA	1790	385	21,5%
PED	1932	312	16,1%
Total/média	10214	1455	14,3%

Tabela 7: Dados da aquisição do PE: síntese

Apesar das diferenças verificadas entre crianças, com JOA a apresentar valores um pouco acima de LUI, é possível verificar que todos os dados se situam muito próximos da faixa de referência do adulto, ANT: entre os 10% e os 20%, sensivelmente, com pequenas oscilações acima ou abaixo daquela faixa. A média global é até muito próxima: 15,68% para o adulto e 14,3% para as crianças. Não se verifica uma tendência evolutiva uniforme (ascendente ou descendente) nos dados analisados: em Gonçalves (2004:329), a propósito da análise da globalidade do *corpus*, sintetizam-se as seguintes tendências: LUI apresenta uma tendência crescente (embora pouco linear), com oscilações; RAP apresenta uma tendência decrescente, igualmente pouco nítida e com oscilações; para JOA e PED os valores são mais ou menos constantes, sem tendência definida.

Relativamente ao PB, os dados de referência do adulto (MAE), em discurso dirigido à criança nos ficheiros escolhidos como amostra relativa a RAB, foram os seguintes:

Ficheiros	Nº total de verbos	Imperativos	IMP/Verbos
RAB01	228	62	27,19%
RAB04	234	34	14,53%
RAB06	268	50	18,66%
RAB08	473	54	11,42%
Total/média	975	138	14,15%

Tabela 8: Dados do PB adulto: MAE

Como é possível verificar, os dados oscilam entre 11,42% e 27,19%, sendo a média muito próxima da do adulto português: 14,15% para MAE e 15,68% para ANT.

Quanto à criança brasileira, os dados de RAB nos quatro ficheiros seleccionados são os seguintes:

Idade (ficheiro)	Nº total de verbos	Imperativos	IMP/Verbos
2;00.5 (RAB01)	192	22	11,5%
2;02.19 (RAB04)	171	27	15,8%
2;04.11 (RAB06)	143	20	14,0%
2;06.12 (RAB08)	218	17	7,8%
Total/média	724	86	11,88%

Tabela 9: Dados da aquisição do PB: RAB

A síntese dos dados relativos ao PB é a seguinte:

Crianças	Nº total de verbos	Imperativos	IMP/Verbos
PAU	2537	186	7,3%
RAB	2065	218	10,6%
TIA	507	55	10,8%
Total/média	5109	86	9,0%

Tabela 10: Dados da aquisição do PB: síntese

Como se verifica, apesar de globalmente ficarem, em média, abaixo da média das crianças portuguesas, a diferença não é significativa, continuando estas crianças a apresentar valores compreendidos na faixa entre os 10% e os 20%, ou próximos desses valores. Não se verificam igualmente tendências evolutivas claras: em Gonçalves (2004:329) assinala-se para PAU e RAB que não há nenhuma tendência definida e para TIA que a tendência (igualmente pouco nítida) é crescente, com oscilações.

Note-se ainda, no que diz respeito à comparação entre os dados de PE e PB, que valores de crianças das duas variedades são muito semelhantes: 10,4% para LUI e 10,6% para RAB ou 10,8% para TIA.

3.3 Verbos e estruturas associados às ocorrências de imperativo

No que diz respeito aos dados do JOA, ocorrem na amostra aqui considerada as seguintes formas: “olha, pára, espera, abre, anda, anda+inf, vem, dá, põe, sai, vai, arranja, brinca, toma, fica, canta, limpa”, como exemplificado abaixo, em estruturas que se vão tornando gradualmente mais complexas:

- (7) JOA_P_01.CHA (2;00.02): linha 119
*JOA: olha bonecos!
*ANT:são bonecos aí!
- (8) JOA_P_02.CHA (2;01.11): linha 550.
*PAI: o que é?
*JOA: anda ver # a:h@i .
*JOA: anda ver!
- (9) JOA_P_07.CHA (2;06.01): linha 1328.
*JOA: deixa eu ver.
*PAI: espera # espera # deixa ver # xx.
- (10) JOA_P_08.CHA (2;07.16): linha 669.
*JOA: oh+oh@i # olha eu a jogar.
*ANT:jogas bem futebol.

Relativamente aos dados de RAB, ocorrem as seguintes formas: “olha, toma, tira, adivinha, abre, põe, solta, desliga, olha, espera, segura, dá, abotoa, nana, fica, vem, joga, faz, apaga, pega, corta, dobra”, como exemplificado abaixo.

- (11) RAQ_B_01.cha (1;11.12): linha 449.
*RAQ: solta!
*ENT: soltei já.
- (12) RAQ_B_05.CHA (2;03.06): linha 196.
*RAQ: ai@i # deixa eu ver o carneirinho.
*MAE: o carneirinho?
- (13) RAQ_B_06.CHA (2;04.11): linha 97.
*MAE: pssii@i! [% pedindo silêncio]
*RAQ: espera eu.
*MAE: espera aí.

É relevante assinalar que nos dados de aquisição do PB se reproduz o que ocorre no *input*: apesar de se ter substituído o paradigma específico de segunda pessoa de singular pelo de terceira (“você vai” por “tu vais”), na estrutura de imperativo recorre-se ao paradigma associado à segunda pessoa: “vai”, em vez de “vá”. Formalmente, a forma

é idêntica à terceira pessoa do singular do paradigma do modo indicativo, a forma *default*.

3.3.1 Enunciados imperativos negativos

Como referido acima, nas frases imperativas negativas é obrigatório o uso de conjuntivo em PE: “faz isso” vs. “não faças isso”. Em PB, o conjuntivo tem vindo a ser substituído pelo indicativo.

Note-se que em PE, em discurso dirigido às crianças, ocorrem por vezes enunciados imperativos em que o indicativo tem valor de conjuntivo; trata-se de uma forma de atenuar aquele sentido: “(O menino) não faz isso!” ou “Não fazes isso!” equivalentes a “Não faças isso!”. Simultaneamente, verificam-se ocorrências pontuais em que o adulto se dirige à criança com recurso ao paradigma “formal”: “Não faça isso!”

Relativamente aos dados de JOA, as primeiras produções de frases imperativas negativas demonstram exactamente a oscilação entre o indicativo e o imperativo, com recurso à forma *default* do paradigma de 3ª pessoa do singular do paradigma do indicativo:

- (14) JOA_P_03.CHA (2;02.09): linha 661.
*JOA: não grita!
- (15) JOA_P_07.CHA (2;06.01): linha 388.
*JOA: não partas.
- (16) JOA_P_08.CHA (2;07.16): linha 222.
*JOA: oh@i # não põe mais cola!
- (17) JOA_P_08.CHA (2;07.16): linha 259.
*JOA: não seja parvo.
- (18) JOA_P_08.CHA (2;07.16): linha 898.
*JOA: não deixa aqui # xxx aqui ao canto +...
- (19) JOA_P_08.CHA (2;07.16): linha 1180.
*JOA: xx não se(j)as te(i)moso!
- (20) JOA_P_08.CHA (2;07.16): linha 1241.
*JOA: não faças mal # mau!
- (21) JOA_P_08.CHA (2;07.16): linha 1589.
*JOA: não mexas.

Nos dados de LUI, o conjuntivo nunca ocorre, sempre substituído pelo indicativo, na 2ª pessoa (exemplos (22) e (23)) e na 3ª pessoa. (exemplos (24) a (29)). Das ocorrências registadas, só (23) não ocorre, em contexto idêntico, nos dados de PE, no estágio final.

- (22) LUI_P_03.cha (2;00.27): linha 122.
*LUI: oh@i # não pões ali essa.

- (23) LUI_P_07.cha (2;05.07): linha 1728.
 LUI: não [/] não tens [] medo # (es)tá bem?
- (24) LUI_P_03.cha (2;00.27): linha 1970.
 *LUI: oh@i # não chora.
- (25) LUI_P_04.cha (2;02.00): linha 73.
 *LUI: não fecha ali a po(r)ta da mãe.
- (26) LUI_P_04.cha (2;02.00): linha 79.
 *LUI: não fecha aqui a porta.
- (27) LUI_P_07.cha (2;05.07): linha 2234.
 *LUI: +” não mexe.
- (28) LUI_P_11.cha (2;09.21): linha 2386.
 *LUI: não faz.
- (29) LUI_P_11.cha (2;09.21): linha 2388.
 *LUI: não faz isto.

Relativamente aos dados do PB, não se verificam ocorrências com conjuntivo; as formas são sempre as *default*, portanto, idênticas às que ocorrem em frases imperativas afirmativas:

- (30) RAQ_B_04.CHA (2;02.19): linha 602.
 *RAQ: não olha não.
- (31) RAQ_B_06.CHA (2;04.11): linha 92.
 *RAQ: <não vai ## espera eu>[>]!
- (32) RAQ_B_08.CHA (2;06.12): linha 738.
 *RAQ: num tampa,, (es)tá?
- (33) RAQ_B_10.CHA (2;08.14): linha 354.
 *RAQ: <não pega maisi [= mais] e não vo(u) te da(r) [% chorando]>[<] .

Verifica-se a mesma substituição por formas de indicativo em contextos de subordinadas (completivas, nestes exemplos) que em PE exigem igualmente conjuntivo:

- (34) RAQ_B_08.CHA (2;06.12): linha 299.
 *RAQ: eu quero que você traz agora!
- (35) RAQ_B_11.cha (3;00.07): linha 513.
 *RAQ: quer que eu faço bugue [= bugre, grito da torcida]?

4. Síntese e conclusões

Em síntese, os valores de PE e PB adultos e de aquisição situam-se, globalmente, na faixa entre os 10% e os 20%.

Não se verifica qualquer descida brusca na produção de imperativos por volta dos 2;00 em PE e existe variação entre falantes, quer adultos, quer crianças, em função do

interlocutor (adulto ou criança), mas também no mesmo contexto discursivo³, com curvas que apresentam sempre oscilações, sem tendências claras (ascendentes ou descendentes).

Relativamente às predições enunciadas em 2. acima, é possível concluir que nenhuma das evidências empíricas suporta a Hipótese de Analogia do Imperativo; ou seja, o uso de imperativos entre os dois e os três anos em Português, quer em PE, quer em PB, tendo em conta o *corpus* tratado, não serve de suporte à hipótese segundo a qual estaríamos perante uma fase análoga à dos infinitivos opcionais.

De acordo com os dados apresentados, a universalidade da fase de infinitivos opcionais e análogos (enquanto marcação explícita da defectividade de T) deve pois ser questionada. Em contraste, no que diz respeito ao domínio de IP, a subespecificação de formas emerge sim, em Português, para AGR: a 3ª pessoa do singular é claramente uma forma *default* (cf. Gonçalves 2004, 2005); a hipótese da subespecificação de traços (vs. subespecificação estrutural) é pois favorecida.

A análise dos dados apresentados em 3., relativos às ocorrências de imperativo, com particular destaque para as frases imperativas negativas, dá suporte à conclusão de que não existe uma fase análoga à dos infinitivos opcionais com recurso a imperativos em Português, sendo possível sublinhar a relação entre (ordem de) aquisição e mudança linguística: em PB, em relação ao paradigma de imperativo afirmativo, demonstra-se o privilégio das formas associadas ao paradigma de 2ª pessoa (“**vai** (tu)”), coincidente formalmente com a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (“ele **vai**”), em desfavor do de 3ª pessoa, que é formalmente mais específico (“**vá** (você)”). Preferiu-se pois a forma *default*, ou *elsewhere*, a que primeiro é adquirida, como já observado para outras instâncias de mudança linguística (cf. Gonçalves, 2004).

Relativamente aos contextos de imperativo negativo, a preferência pelo indicativo, em desfavor do conjuntivo (paradigma que surge claramente atrasado em PE), demonstra de novo a correlação entre ordem de aquisição e mudança linguística: mais uma vez, recuperou-se do paradigma de indicativo a forma *default* ou *elsewhere*, comum ao paradigma de imperativo afirmativo: “**vai** / não **vai**”.

Os dados apresentados favorecem pois a Hipótese da Aprendizagem Lexical adaptada, como em Gonçalves (2004), segundo a qual todas as categorias estão estruturalmente disponíveis desde o início do processo de aquisição, sendo gradualmente especificadas.⁴

Quanto à relação com a perda da propriedade de sujeito nulo em PB, também referida nas predições, os dados daquela variante agora apresentados não fornecem evidência clara para defender que terá efectivamente ocorrido uma alteração paramétrica, já que são muito próximos dos do PE (quer no que diz respeito aos adultos, quer

³ A este respeito, convém sublinhar que tal variação estará também associada ao objectivo comunicativo específico a cada acto de fala, devendo-se portanto tomar com cautela cada escolha ao nível do aparato metodológico.

⁴ Tal hipótese foi proposta em Clashes *et al.* (1996) e a adaptação consistiu em defender que não se deve assumir que exista necessariamente um detonador de natureza morfológica para a aquisição de todos os aspectos sintácticos básicos de uma língua.

às crianças), tanto em valores absolutos, quanto no que diz respeito a tendências de evolução, corroborando-se também neste aspecto as conclusões de Gonçalves (2004).

5. Referências

- Belletti, Adriana (1990), *The Syntax of Verb Movement*, Rosenberg, Torino.
- Blom, Elma e Frank Wijnen (2000) How Dutch Children's Root Infinitives Become Modal. *Proceedings of the 24th Annual Boston University Conference on Language Development*, Volume 1, pp. 128-139.
- Cinque, Guglielmo (1999) *Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Clashen, Harald (1990) Constraints on Parameter Setting: A Grammatical Analysis of Some Acquisition Stages in German Child Language. *Language Acquisition* 1, pp. 361-391.
- Sonja Eisenbeiss e Martina Penke (1996) Lexical Learning in Early Syntactic Development. In Clashen, Harald (ed.), *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- Deen, Kamil Ud e Nina Hyams (2002) The Form and Interpretation of Finite and Non-Finite Verbs in Swahili. *Proceedings of the 26th Annual Boston University Conference on Language Development*, Volume 1, pp. 130-141.
- Freitas, M^a João (1997) *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gebara, Ester Scarpa (1984) *The Development of Intonation and Dialogue Processes in two Brazilian Children*. Dissertação de Doutoramento, University of London.
- Gonçalves, Fernanda (2002) Morfemas, traços e estrutura sintáctica – instâncias de hierarquização nos estádios iniciais da aquisição do Português. In Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: A.P.L., pp. 387-398.
- (2004) *Riqueza Morfológica e Aquisição da Sintaxe*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora.
- (2005) Concordância verbal e determinação de parâmetros sintácticos no processo de aquisição do Português Europeu e Brasileiro. Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: A.P.L..
- Guasti, M. Teresa (2002) *Language Acquisition – The Growth of Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Hoekstra, Teun e Nina Hyams (1998) Aspects of Root Infinitives. *Lingua* 106, pp. 81-112.
- Mendes, António Q. (1991) *A Referência Temporal no Discurso Conversacional aos 2 e 3 Anos de Idade*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- MacWhinney, Brian (2000) *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk. Third Edition*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rizzi, Luigi (1993/94) Some Notes on Linguistic Theory and Language Development: The Case of Root Infinitives. *Language Acquisition* 3, pp. 371-393.

- Rus, Dominik e Pritha Chandra (2006) Child Language Imperatives: Questioning the 'Imperative as an RI-Analogue' Hypothesis. *Proceedings of the 30th Annual Boston University Conference on Language Development*, Volume 2, pp. 513-524.
- Salustri, Manola e Nina Hyams (2003) Is There an Analogue to the RI Stage in the Null Subject Languages. *Proceedings of the 27th Annual Boston University Conference on Language Development*, Volume 2, pp. 692-703.
- Wexler, Ken (1994) Optional Infinitives, Head Movement and Economy of Derivation in N. Hornstein & D. Lightfoot (eds.), *Verb Movement*, Cambridge: C.U.P..
- (1998) Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua*, 106, pp. 23-79. [consultado na reprodução em A. Sorace *et al.*, (eds.) (1999) *Language acquisition: Knowledge representation and processing*. Amsterdam: North-Holland.]